

O LETTOR *NO* TEXTO E O LETTOR *DO* TEXTO EM "O ENFERMEIRO" DE MACHADO DE ASSIS

Valda Suely da Silva Verri*

RESUMO: *O texto literário, caracterizado por Umberto Eco como "aberto", possui espaços que solicitam a interferência do leitor para conferir sentido àquilo que não está dito claramente, mas sugerido. Este trabalho verifica o papel do leitor e o espaço de movimentação conferido a ele para que estabeleça um diálogo com o texto. Desenvolve-se uma investigação sobre o referido conto, em que se verifica que há um leitor inscrito no texto, com quem o narrador dialoga: o narratário. Ao mesmo tempo, o texto pressupõe um Leitor-Modelo que não se identifique com esse narratário.*

PALAVRAS-CHAVE: *Leitor; texto; Machado de Assis.*

A relação texto-leitor difere consideravelmente de uma "relação diádica" (ISER, 1979: 87), na qual muitas formas de reforço extralingüístico podem interferir e auxiliar na comunicação. Nesta, os parceiros podem mutuamente se questionar de forma a saber se a comunicação foi estabelecida. Naquela, o texto, depois de gerado, é entregue a uma variedade de atos de interpretação. No entanto, mesmo sendo a leitura do texto escrito destituída da relação face a face, seguramente os parceiros podem se questionar e interagir.

* Universidade Estadual de Londrina - UEL.

Dessa forma, objetiva-se, aqui, verificar o papel do leitor no conto "O enfermeiro" e o espaço de movimentação conferido a ele, tentando mostrar que há um leitor inscrito no texto, o narratário, que depende de um narrador, que se lhe dirige de forma expressa ou tácita, e que este narratário é subjugado pela visão desse narrador. Verifica-se, ainda, que o texto postula um "Leitor-Modelo" (ECO, 1979: 58) que constitua um conjunto de condições textualmente estabelecidas, que deve ser satisfeito a fim de que o texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial. Em outros termos, o conto postula um leitor capaz de dialogar com ele (o texto) na sua profundidade. A discussão aqui proposta versará acerca de um "Leitor-Modelo", encartado no texto, que não se comporte como o narratário, essa entidade fictícia que aparece textualmente.

A importância da relação narrador & narratário se encontra no caráter de determinação da postura a ser tomada pelo leitor diante do texto. O leitor ideal para o conto determinado – "O enfermeiro" – será aquele que, não se identificando com o narratário, conseguirá fazer uma leitura mais profunda do texto, para além do nível textual aparentemente nítido, conforme anuncia Eco (1979).

O narrador do conto escreve uma carta, ou, como ele mesmo define, "uma página de livro" (p. 43),¹ a um interlocutor a quem dirige sua mensagem no decorrer de todo o discurso textual. Os fatos narrados por ele se deram no passado e são contados no momento presente, quando já está muito doente e à beira da morte. Há, portanto, uma distância temporal entre o eu-narrado e o eu-narrador, o que não impede, no entanto, que este assuma uma postura solidária em relação àquele, mesmo encontrando-se mais velho e, portanto, mais amadurecido. Nesta carta, o narrador se propõe a revelar um segredo, que, de acordo com sua vontade, só deverá ser publicado após a sua morte e com relação ao qual não

¹ As citações que se referem ao conto "O enfermeiro" foram extraídas da obra: Assis, Machado de. (1995) *A cartomante e outros contos*. São Paulo: Moderna.

manifesta nenhum tipo de arrependimento, até porque seus atos não foram premeditados na intenção de prejudicar alguém. Procópio, o protagonista, vai narrar no conto que involuntariamente assassinou o patrão, mas, depois, sabendo que era herdeiro universal dele, vê-se numa situação em que precisa tirar de sua consciência o peso do assassinato e, para isso, tenta conduzir também a opinião do leitor inscrito no texto, o narratário.

Na terminologia de Norman Friedman, (Leite, 1997: 43), esse tipo de narrador se classifica como “narrador protagonista”, ou seja, “aquele que narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos” (Leite, 1997: 43). É um tipo de narrador do qual o leitor deve sempre desconfiar, uma vez que narra fatos vividos por ele, à luz da sua percepção,

No caso do conto “O enfermeiro”, a escolha que o autor faz do foco narrativo é perfeitamente adequada aos objetivos do narrador, que tem a intenção de manipular, conduzir a opinião do narratário. Em outras palavras, o narrador-personagem escreve com a intenção de se redimir, é então natural que ele manipule as palavras para tentar encaminhar a leitura para o objetivo desejado. Tal escolha só vem confirmar a razão da grandiosidade do texto machadiano enquanto literário.

A fim de explicar melhor a relação narrador & narratário no conto em questão, pode-se abrir aqui um parêntese para, a título de comparação, comentar o papel do narratário no conto “José Matias”, de Eça de Queirós.

Em “José Matias” o narratário é um interlocutor não identificado, de quem se ouvem apenas alguns ecos no discurso do narrador. A história é contada dentro dos poucos minutos usados no percurso do enterro de José Matias.

Eu tenho uma tipóia de praça e com número, como convém a um professor de filosofia[...]. *O quê! Por causa das calças claras! Oh meu caro amigo! De todas as materializações da sim-*

patia, nenhuma mais grosseiramente material do que a casimira preta. E o homem que nós vamos enterrar era um grande espiritualista! (Queirós, 1989: 1233 – grifos nossos)

Nota-se no trecho acima que o narratário intervém no discurso do narrador questionando sobre se deve ou não acompanhar o enterro por estar vestido com calças claras. O narrador, então, explica que o homem que vai ser enterrado não dava importância a aspectos materiais.

Onde arranjava mesmo, cada dia, os três patacos para o vinho e para a posta de bacalhau nas tavernas? Não sei [...] Mas louvemos a divina Elisa, meu amigo! Muito delicadamente, por caminhos arredados e astutos, ela rica, procurava estabelecer uma pensão ao José Matias mendigo. (Queirós, 1989: 1246 – grifos nossos)

Como se pode perceber, por meio destas duas amostras, o narratário faz algumas interferências no discurso do narrador, as quais são transmitidas ao leitor apenas pela voz do narrador. Tais interferências auxiliam no encaminhamento do discurso textual, pois a partir delas o narrador pode organizar a seqüência narrativa.

No conto "O enfermeiro", esse tipo de recurso não acontece, e nem poderia, uma vez que o narratário representa o suposto leitor da carta que está sendo escrita pelo narrador. Não podendo haver, assim, qualquer tipo de intervenção por parte do narratário, isso constitui um fator positivo para o narrador que pode manipular o encaminhamento da narração como lhe convier. Sendo assim, o narrador detém a focalização e a voz durante todo o percurso narrativo, o que vem exatamente ao encontro de seu objetivo, ou seja, conquistar a opinião do narratário. Se, no entanto, ao leitor inscrito no texto não é dada a oportunidade de se manifestar, o Leitor-Modelo poderá fazê-lo, à medida que lançar perguntas ao texto, não adotando diante dele uma postura passiva e estabelecendo com ele um diálogo que permita a atualização de seu conteúdo potencial.

De acordo com as considerações teóricas de Vítor Manuel de Aguiar e Silva (1986: 759), o narrador possui como funções primárias produzir intertextualmente o universo diegético (personagens, eventos etc.), assim como organizar e controlar as estruturas do texto narrativo. Ainda, segundo ele, possui como função secundária desenvolver uma interpretação do mundo narrado e também assumir uma função de interpretação nesse mesmo mundo. Há, por consequência, uma repercussão das últimas funções nas primeiras. Para ele, em síntese, as primeiras funções do narrador são representar e organizar a narração, podendo também exercer funções secundárias de ação no mundo narrado e interpretação do mesmo.

No conto em questão, as funções secundárias (que segundo Aguiar “podem” ser assumidas pelo narrador) são visivelmente desempenhadas por ele e talvez fosse questionável o fato de serem realmente secundárias, dada a importância que adquirem no conto. O objetivo principal do narrador parece ser tanto direcionar a interpretação dos fatos quanto contá-los. Nesse sentido, a representação desses fatos se dá em função da manipulação pretendida pelo narrador, cujo objetivo principal é justificar-se do crime que cometera, tentando assim ganhar a simpatia do narratário. Esta tentativa de justificar-se e de conquistar o leitor inscrito no texto é, então, o fio que conduz toda a narração.

Já no primeiro parágrafo do texto, o narrador utiliza um discurso que tenta colocá-lo numa situação que desperte a piedade daquele com quem dialoga, dizendo que já está perto da morte. Por outro lado, nesse mesmo parágrafo já deixa transparecer de certa forma sua “esperteza”, quando pede para o narratário que só se torne pública sua história após a sua morte. Essa esperteza não aparece de forma evidente, ou seja, não está expressa na imanência do texto, o Leitor-Modelo é que irá perceber,

Parece-lhe então que o que se deu comigo em 1860 pode entrar numa página de livro? Vá que seja, com a condição

única de que não há de divulgar nada antes da minha morte, (p. 43)

Observemos ainda alguns trechos que mostram a maneira gradativa como esse narrador foi construindo em si mesmo uma maneira de aceitar a herança deixada pelo coronel a quem ele assassinara. A ambigüidade de seu discurso é muito bem elaborada, pois textualmente ele se inocenta diante do narratário, mas paralelamente a esse discurso ele se entrega.

Assim, por ironia da sorte, os bens do coronel vinham parar às minhas mãos. Cogitei em recusar [...] a recusa podia fazer desconfiar alguma coisa [...] receberia a herança e dá-la-ia toda, aos bocados e às escondidas [...]. (p. 47)

A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime [...]. (p. 47)

Crime ou luta? Realmente foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa [...]. *Fixei-me nessa idéia* [...]. Considerarei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele mesmo o sentia e dizia [...]. E quem sabe a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. *Fixei-me também nessa idéia* [...]. (p. 47 – grifos nossos)

Vemos que Procópio, inicialmente, deliberou recusar a herança. Deliberação frágil, pois o poder material falou mais alto. É a partir daí, então, que ele tenta construir uma ilusão de que o que aconteceu não foi um crime, mas uma coincidência, uma vez que o coronel já estava mesmo condenado à morte pela sua doença. É nesse sentido que o Leitor-Modelo deverá fazer inferências a fim de perceber que sua participação ativa é efeito essencial para que se estabeleça a comunicação. Ou seja, o texto espera por um leitor que seja capaz de perceber a ambigüidade entre aquilo que está dito e aquilo que está sugerido. O que não está dito claramente é que ele, de maneira consciente e proposital operou em sua mente uma mudança na versão dos fatos a partir do momento em que

entra em jogo a aquisição material. Isso pode ser percebido principalmente pela frase “Fixei-me nessa idéia” e na transformação “Fixei-me *também* nessa idéia”. Um leitor que não atente para a sagacidade do narrador, sem perceber, será levado a concordar com ele. Nesse caso, ele estará se identificando com o leitor inscrito no texto e que é subjugado pela visão do narrador.

As informações que são *sugeridas* pelo texto constituem o que Umberto Eco (1979: 54) denomina “não-ditos” e são explicadas por ele como aquilo que não está em nível da expressão, na superfície do texto e que requer movimentos cooperativos ativos e conscientes por parte do leitor a fim de que possa ser percebido, movimentos esses que exigem a inferência do leitor.

O leitor atento ainda poderá perceber que, se a princípio, Procópio ficou assustado com o crime cometido, não foi tanto pelo ato em si, mas pelo receio de ser descoberto, e vê-se também que dentro de pouco tempo estava restabelecido desse medo devido às ocupações com o inventário e à opinião negativa que a sociedade nutria com relação ao coronel.

As obrigações do inventário distraíram-me, e por outro lado a opinião da vila era tão contrária ao coronel, que a vista dos lugares foi perdendo para mim a feição tenebrosa que a princípio achei neles. (p. 48)

Os anos foram andando, a memória tornou-se cinzenta e desmaiada. Penso às vezes no coronel, mas sem os terrores dos primeiros dias. (p. 48)

Mais adiante, livre da preocupação de ser descoberto, percebe-se a frieza com que o narrador analisa o fato, o que também serve como indício para que o leitor “ideal” perceba o poder sugestivo de seu discurso. Ao mesmo tempo em que ele quer se entregar, quer inocentar-se. Isso se evidencia no trecho seguinte:

Todos os médicos a quem contei as moléstias dele foram acordes em que a morte era certa, e só se admiravam de ter resis-

tido tanto tempo. Pode ser que eu, involuntariamente, exagerasse a descrição que lhes fiz; mas a verdade é que ele devia morrer, ainda que não fosse aquela fatalidade [...]. (p. 48)

Aparece também aqui uma tentativa de manipular o leitor inscrito no texto. O trecho está repleto de "vazios". O vazio, segundo Iser (1979: 88), "mobiliza representações projetivas [...]. Assim, o texto constantemente provoca uma multiplicidade de representações do leitor, pela qual a assimetria começa a dar lugar ao campo comum de uma situação". O Leitor-Modelo, ou seja, aquele "capaz de cooperar na actualização textual como ele, o autor, pensava, e de se mover interpretativamente tal como ele se moveu generativamente" (Eco, 1979: 58), irá preencher os vazios e perceber a verdadeira intenção do personagem, a de conduzi-lo a uma opinião que seja favorável à sua postura. O trecho citado acima, assim como todo o conto, remete-nos a uma observação feita por Sônia Brayner sobre a narrativa machadiana:

O controle do leitor como configurador do significado do texto também é acionado através de microdiálogos com o narrador, oferecendo uma moldura para a realização textual [...]. O leitor deve constantemente observar e deduzir e para isso é orientado. (Brayner, 1979: 86-7)

A ambigüidade, que se faz presente em todo o discurso desse narrador, e que será percebida apenas pelo leitor atento, lembra ainda as reflexões feitas por Umberto Eco (1991: 279-80) sobre o discurso "aberto" e o discurso "persuasivo". Segundo ele, há uma oposição entre ambos, caracterizando-se o primeiro como ambíguo, uma vez que não define a realidade de modo unívoco, definitivo. Além disso, o discurso aberto não reenvia às coisas de que ele fala, mas sim ao modo como fala. Sua mensagem não se consuma jamais, permanece sempre como fonte de informações possíveis, pois atende a todos os tipos de sensibilidade e de cultura. Já o

discurso persuasivo quer levar a conclusões definitivas, prescrevendo assim o que se deve compreender, querer ou não querer. Isso não é feito, necessariamente, de maneira ditadora, ou seja, o próprio leitor se deixa convencer pelo texto por seu livre consentimento. Não se sente forçado a concordar com as idéias do texto pois não se dá conta do poder de persuasão que ele tem.

Partindo das considerações acima, não seria exagero dizer que, para um leitor desatento, o conto "O enfermeiro" pode se constituir num texto persuasivo (aquele que conduz o leitor a uma única interpretação), pois a um tipo de leitor que não dialoga com o texto na sua profundidade, o conto é capaz de realmente manipular sua opinião, fazendo com que ele se compadeça do narrador, atribuindo-lhe razão para o crime praticado e aceitando o ponto de vista dele. Na verdade, estamos diante de um texto "aberto", extremamente rico em sugestões, a solicitar um leitor dotado da capacidade de receber o texto por meio de seu poder de atribuir significado àquilo que não diz explicitamente. Neste ponto, Eco manifesta-se acerca da colaboração do receptor:

Deve intervir no sentido de preencher os vazios semânticos [...], de reduzir a multiplicidade dos sentidos, de escolher seus próprios percursos de leitura, de considerar vários ao mesmo tempo - ainda que mutuamente incompatíveis e de reler o mesmo texto mais vezes, sempre controlando pressuposições contraditórias. (Eco, 1980: 233)

A própria maneira ambígua como o discurso desse narrador é construído, ora tentando conquistar o narratário, ora sugerindo indiretamente seu caráter frio, constitui a abertura do texto, fazendo pressupor um leitor que seja capaz de perceber essas nuances, constituindo-se então no Leitor-Modelo.

Chama a atenção, ainda, o epitáfio que, no final do texto, o narrador sugere que lhe seja colocado em um túmulo de mármore: "Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados".

(p. 48). Por meio da alteração de um teor bíblico: "Bem-aventurados os aflitos, porque eles serão consolados", o narrador demonstra que, para ele, o poder material estava acima de tudo e isso lhe foi vantajoso. A crítica social, que costuma aparecer nos textos de Machado de Assis sempre de maneira sutil, nesse trecho se faz bem perceptível e leva à reflexão sobre os valores humanos. Estamos diante de um texto em que o elemento mais importante na aventura narrativa para o leitor não é o conhecimento dos fatos, mas o questionamento que esses fatos podem proporcionar. Com relação a esse aspecto do conto machadiano, Sônia Brayner (1979: 66) já percebia que a crítica sempre se faz presente, a fim de suscitar no leitor o questionamento do mundo.

O texto é construído ainda em torno de uma inversão de valores, pois, se a princípio, o coronel representava a "figura má" e o enfermeiro o "bom moço", o que se vai configurar até o final do conto é que o coronel, apesar da imagem negativa que representava perante toda a sociedade, soube demonstrar sua gratidão pelo enfermeiro, deixando para ele toda a sua herança. Ao passo que o enfermeiro, perante a sociedade a representação do bem, acaba revelando seu lado frio e materialista, pois, na verdade, em momento algum, ele demonstra qualquer tipo de sentimento de carinho para com o coronel e ainda aceita desfrutar sua herança. Vale esclarecer que essa inversão de valores só é revelada ao Leitor-Modelo, pois, para a sociedade que se configura no texto, mantém-se a ilusão das aparências.

Trata-se, com essa alteração de valores, de uma tendência machadiana de não construir personagens maniqueístas, mas, ao contrário, mais próximos da realidade, uma vez que o bem e o mal são características comuns à alma humana por natureza. Ninguém é feito só de defeitos, como ninguém o é só de virtudes. Assim, o conto também mostra que entre o ser e sua máscara social existem contradições que geram comportamentos e situações equívocas.

De acordo com estudos feitos por Sônia Brayner, sabe-se que o homem ocidental, a partir do Renascimento, começou a perceber mais profundamente as contradições básicas do mundo que o envolvia (ilusão e realidade, liberdade e necessidade, espírito e matéria, vida e morte etc.). Esses questionamentos o levam a perceber a distância que existe entre aquilo que seu ego pretende e aquilo que a sociedade lhe permite, pois esta é regida por normas que às vezes vão de encontro às necessidades da consciência humana. O homem se impõe então a especulações sobre os paradoxos inerentes ao próprio ato de viver. Surge dessa forma, nos textos literários, a ironia, da qual se sabe ser Machado de Assis um grande intérprete. A ironia é assim caracterizada nas palavras de Sônia Brayner:

Trabalho teórico e, mais amplamente, semiótico, a ironia, como todo fenômeno de humor, prefere um significante não habitual, menos provável, através do qual instala seu coeficiente de incerteza. Nem transparente em demasia, pois seu caráter artificioso estaria imediatamente decodificado, nem opaco, tampouco, prefere estabelecer uma relação de trans-lucidez [...]. (1979: 100)

Vê-se, assim, que o conflito instalado no homem vai se refletir na linguagem literária, pois a ironia expressa uma inadequação (voluntária) entre significante e significado.

Machado de Assis utiliza a ironia em seus textos como arma para a descoberta do ridículo camuflado nas situações equívocas e que aparentemente são tidas como normais. É o que acontece no conto "O enfermeiro", no qual se revela que a verdadeira face do personagem Procópio não é aquela apresentada ao seu meio social, do bom enfermeiro, paciente e dedicado ao patrão. Cabe ao Leitor-Modelo perceber que o verdadeiro perfil do protagonista é aquele que estava oculto e que é revelado só no momento próximo da sua morte, ou seja, de um homem que cometeu um crime, mantendo isso em segredo durante grande parte de sua vida, enganando a todos.

Pode-se concluir ainda que todo o texto constitui uma grande ironia, pois o que pretende ser dito é justamente o contrário do que se diz. A leitura deste conto não é, portanto, uma tarefa simples, pois exige uma dupla compreensão – o que está sendo afirmado no nível da manifestação textual e o que está sendo veiculado por meio dos “vazios” ou “não-ditos”, por meio do mesmo discurso narrativo.

Esperando ter esclarecido a questão fundamental que norteou este trabalho: a de que o conto “O enfermeiro” é construído de maneira a solicitar a participação ativa do leitor – o Leitor-Modelo – afirmamos que o prazer que esse texto pode proporcionar no ato de leitura é encontrado quando se consegue desvendar a ironia contida no seu conteúdo. Isso faz perceber que a realidade retratada por Machado de Assis é vista por uma lógica às avessas. Entenda-se a expressão “às avessas” não só como contrário, mas também como interior, como a verdadeira natureza das coisas. A obra machadiana está sempre a revelar que a verdadeira natureza das coisas se encontra na mente humana, complexa, cheia de cavidades escuras e impenetráveis, a qual nem sempre se adapta ao mundo exterior e nem sempre corresponde àquilo que a sociedade vê nela. Esse é o avesso e o que realmente importa, uma vez que o nível narrativo do texto se apresenta apenas como um meio para veicular esses conceitos essenciais inseridos no seu nível profundo.

O Leitor-Modelo deste conto será, então, aquele que souber realizar as operações interpretativas que permitam perceber a ironia contida no texto. Em nenhum momento o texto diz de maneira explícita que o narrador é um espertalhão e que ele quer ganhar o consentimento do narratário pelo crime que cometeu. Mas um leitor sagaz saberá ler esse “não-dito” no próprio discurso do narrador e não se identificará com o destinatário inscrito no texto o qual reflete o perfil de um leitor ingênuo e que não dialogou com o texto.

As considerações feitas sobre o conto no decorrer deste artigo vêm, então, tentar comprovar a afirmação feita no início do mesmo

de que o narratário é subestimado pela visão do narrador. Sendo assim, o narratário não corresponde ao leitor que o texto, enquanto obra literária, efetivamente espera. O que se quer dizer é que o papel do leitor do texto literário não se esgota em decodificar o código lingüístico e distrair-se com o enredo, mas é, também, o de tentar perceber as possíveis intenções autorais que são veiculadas por intermédio do arranjo subjetivo que é feito com as palavras. Arranjo este que faz transpirar uma visão de mundo, valores, ideologia. Retoma-se, aqui, a afirmação de que na relação texto-leitor os parceiros podem dialogar, questionar-se, interagir, mesmo não estando face a face.

Caso o leitor do conto “O enfermeiro” assumá uma postura de consentimento e aprovação da atitude do narrador, estará se identificando com o leitor no texto, ou seja, o narratário, aquele que leu apenas o enredo. Caso ele faça uma dupla compreensão percebendo a ironia que envolve todo o texto (aparência e essência) entre o que o narrador “diz” e o que ele “quer dizer”, estará se identificando com o leitor do texto.

ABSTRACT: *Umberto Eco characterizes literary text as a kind of “open text” with some spaces that require reader’s participation in order to attribute meaning to something that is not clearly conveyed, only suggested. This work analyses reader’s possible performances, which are necessary in order to establish a dialogue between the reader and the tale, where we can perceive the existence of a reader that is imprinted in the text and with whom the narrator dialogues: the receiver of his letter. Simultaneously, the text presupposes a model-reader who does not identify with this character.*

KEYWORDS: *Reader; text; Machado de Assis.*

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, M. de. (1995) *A cartomante e outros contos*. São Paulo: Moderna.
- BOSI, A. (1982) *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática.
- BRAYNER, S. (1979) *Labirinto do espaço romanesco*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CANDIDO, A. O esquema de Machado de Assis. In: _____, (1970) *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades.
- ECO, U. (1979) *Leitura do texto literário: lector in fábula*. Trad. de Mário Brito. Lisboa: Presença.
- _____. (1980) *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1991) *Obra aberta*. 8. ed. Trad. de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (Coord.). (1979) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Trad. de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra. p. 83-132.
- LEITE, L. C. M. (1997) *O foco narrativo*. São Paulo: Ática.
- QUEIRÓS, E. de. (1989) *Obra completa*. Porto: Lello & Irmão, 1989. v. 2.
- REIS, C.; LOPES, A. C. (1988) *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática.
- SILVA, V. M. de A. e. (1986) *Teoria da literatura*. Coimbra: Almedina. v. 1.